

O NASCIMENTO DOS ESTUDOS DAS CULTURAS AFRO-AMERICANAS

META

Apresentar ao aluno a história da construção e surgimento da temática Cultura Afro-americana e o seu processo de institucionalização no meio acadêmico internacional.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

perceber a História e Cultura Afro-brasileira como um conjunto de temas ligados à contribuição do africano e afrodescendentes à formação social, cultural e política das Américas. E verificar como os ideais destes investimentos contribuíram para institucionalização da temática das questões étnico-raciais no debate antropológico travado no Brasil e no exterior.

PRÉ-REQUISITOS

o aluno deverá ter lido a aula de número um, O nascimento dos Estudos das Culturas Afro-Brasileiras



Capa do livro *O Nascimento da Cultura Afro-Americana*, dos dois especialistas da cultura afro-americana Sidney W. Mintz e Richard Price.
(Fonte: <http://www.scielo.br>)

INTRODUÇÃO

O debate acerca das raízes das culturas africanas nas Américas e no Brasil foi um dos temas de reflexão mais importantes nas ciências sociais no século XX. Alguns aspectos do processo de ampliação e sistematização desses estudos podem ser recuperados a partir da análise das trocas de correspondências entre dois especialistas no tema. Para essa aula utilizaremos somente a análise da documentação produzida por Arthur Ramos e Melville Herskovits. Uma mostra desse sistema intelectual de reflexão dedicado aos estudos das populações e culturas de origem africana nas Américas estabelecido nas décadas de 1930 e 1940. Uma prática recorrente nesse sistema foi a troca e divulgação de publicações, resultados parciais de pesquisas não publicados, divulgação de novos referenciais teóricos e metodologias de pesquisas, entre seus pares. O campo de estudo brasileiro foi considerado um espaço privilegiado para o desenvolvimentos desses estudos acerca do contato cultural entre o continente americano e o africano. Em função disso seus especialistas, brasileiros e estrangeiros, tornaram-se uma referência neste cenário intelectual. Foram reconhecidos como cartógrafos desses estudos pelos grandes mestres que os sucederam. É sobre essa história que vamos estudar.



Melville Herskovits, antropólogo americano especializado nos estudos dos afro-americanos.
(Fonte: <http://classiques.uqac.ca>)

Caro aluno após a leitura do capítulo anterior você será capaz de rapidamente respondera seguinte questão: os estudos das culturas de origem africana nas Américas têm História? Nessa aula vamos contemplar essa questão recuperando alguns aspectos do processo de ampliação e sistematização dos estudos das populações e culturas de origem africana—, ou afro-americana, se quisermos o termo da época— a partir da análise das correspondências de importantes especialistas desse tema Arthur Ramos e **Melville Herskovits**. Como já vimos o principal tema de investigação desses antropólogos foi marcado pelo caráter acadêmico e preocupações políticas, o antirracismo. Pretendemos convidá-lo a verificar em que medida os ideais destes investimentos acadêmicos desses estudiosos contribuíram para institucionalização da temática étnicorraciais no debate antropológico travado no Brasil e no exterior.

O debate acerca das raízes das culturas africanas nas Américas e no Brasil foi um dos temas de reflexão mais importantes nas ciências sociais no século XX. No Brasil, o diálogo dos historiadores com a Antropologia, associado à incorporação de novos conceitos, metodologias e problemas, têm resultado em importantes pesquisas que exploram os vínculos culturais entre africanos e afrodescendentes no interior da sociedade escravista (MATTOS, 2004, 1995; MINTZ & PRICE, 2003; REIS, 2003; SLENES, 1999; SOARES, 2000; THORNTON, 2004).

Nas décadas de 1930 e 1940 foram ampliados e sistematizados os estudos acadêmicos dos significados das populações e culturas de origem africana na formação social dos países das três América que receberam africanos escravizados. Através das correspondências de Arthur Ramos com seus pares no Brasil e no exterior é possível recuperarmos alguns aspectos presentes no nascimento desses estudos.

Cabe mais uma vez sublinhar, caro aluno ou aluna, ter sido o processo de ampliação e sistematização dos estudos das culturas de origem africana nas formações sociais do Novo Mundo, contemporâneos a importantes acontecimentos políticos como ascensão e ação do nazismo na Europa, a segregação racial nos Estados Unidos, o impacto da Segunda Guerra Mundial e, no Brasil, a Era Vargas. Logo, esses estudos quer seja no Brasil, quer seja no exterior, dialogaram com demandas sociais e refutaram teses científicas daqueles dias. Por conseguinte, a história dessa produção intelectual foi marcada pelas dimensões acadêmica e política (SILVA & BARROS, 2007; SILVA, 2005).

A dupla dimensão do tema também foi perceptível para os especialistas dos estudos “da Cultura Afro-Americana” algumas décadas depois. Sidney W. Mintz e Richard Price ao escreverem *O Nascimento da Cultura Afro-Americana* pretenderam defender o tratamento acadêmico do tema, e circunscrever sua dimensão política, assim como teriam feito os pioneiros desses estudos. O livro pretendia ser uma profissão de fé e um manual. Os autores estavam preocupados com a polarização nos estudos afro-americanos.

Melville Herskovits

Antropólogo americano pioneiro na aplicação dos princípios da antropologia moderna e na criação um grande programa interdisciplinar de estudos do africano americano nos EUA. Pesquisou no Suriname, Haiti, Trinidad, Brasil e na África e publicou *O negro americano; Daomé; The Myth of the Past Negro*.

As preocupações ideológicas pareciam em vias de distorcer a busca erudita que fora cartografada por pioneiros como W.E.B. DuBois e Carter G. Woodson, nos Estados Unidos; Fernando Ortiz, em Cuba. Nina Rodrigues e Arthur Ramos, no Brasil; e Jean Price-Mars, no Haiti; e levada adiante pela geração de Melville J. Herskovits, E. Franklin Frazier, Zora Neale Hurston, Gonzalo Aguirre Beltrán, Roger Bastide, Rômulo Lachatañeré e outros (MINTZ e PRICE, 2003, p.7). (Grifos são nossos)

De fato a documentação produzida pelos “pioneiros” citados indica que nos anos trinta e quarenta alguns intelectuais assumiram publicamente os mesmos compromissos. Como já vimos na primeira aula, 1935 Arthur Ramos, Gilberto Freyre e outros intelectuais, assinaram o Manifesto dos Intelectuais Brasileiros Contra o Preconceito Racial. E que este é um dos principais documentos a revelar a dimensão política existente no tema e na trajetória dos intelectuais ligados aos Estudos Afro-brasileiros: o anti-racismo. O Manifesto de 1935 é a expressão de uma tomada de posição política feita por seus signatários, a saber. Combater o “racismo político”, desenvolver e dar um tratamento científico aos estudos dos diferentes “grupos étnicos” formadores da sociedade brasileira (RAMOS, 1943, p. 172).

Ângela de Castro Gomes ao analisar o contato intelectual estabelecido entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre conclui ser possível “conhecer melhor as tramas do campo intelectual brasileiro do início do século XX, bem como suas articulações com um sistema intelectual internacional, identificando alguns autores que funcionavam como referentes acadêmicos e institucionais”. Nessa aula pretendemos adotar esta assertiva para analisar algumas “tramas” do campo intelectual dos estudos afro-brasileiros dos anos 30 e 40 e as suas vinculações ao “sistema intelectual internacional”(GOMES: 2004, 51-75).

Na esfera internacional, a partir da década de 1930, o pensamento de Arthur Ramos a respeito da ideia de culturas de origens africanas lhe garante a articulação com importantes intelectuais como Franz Boas, Melville Herskovits, Rüdiger Bilden, Lynn Smith, Richard Pathe, Ruth Langes, Donald Pearson, Roger Bastide, W.E.B. DuBois, Fernando Ortiz, Jean Price-Mars, entre outros. A análise das correspondências trocadas por Ramos com seus pares nos permite conhecer melhor as questões acadêmicas e políticas que nortearam as ações desses intelectuais. Possibilitando historicizar um ponto marcante da trajetória desses intelectuais pioneiros: a “busca erudita” por “cartografar os estudos afro-americanos”.

Sobre a interlocução teórica e empírica de Arthur Ramos com intelectuais estrangeiros, como Roger Bastide e Donald Pierson, Luitgarde Barros explica: “Com aqueles recém chegados Arthur Ramos estabelecia uma interlocução da qual resultou para ele um avanço teórico pelas novas ideias trazidas, e para eles, o aprendizado de uma experiência adquirida em anos

de pesquisa” (BARROS, 2005, p. 81-84). Arthur Ramos recebeu, orientou e se comunicou com vários estudiosos dos Estados Unidos e Europa, compartilhando seus conhecimentos com pesquisadores estrangeiros, como nos revela o relato de Roger Bastide, no prefácio ao Estudos de Folclore, citado por Barros: “Este mestre dos estudos africanistas foi sempre para mim o mais precioso inspirador e o mais seguro dos guias. E ele não separava, o que me tocava profundamente, em suas pesquisas, o cuidado da verdade científica do sentido dos valores humanos” [...] (BARROS, 2005, P 81-82).

Podemos aferir ter sido o processo de ampliação e sistematização dos estudos das populações e culturas de origem africana no Brasil e no Novo Mundo, ocorrido através de um sistema intelectual internacional de reflexão acerca deste tema. Essa articulação internacional pode ser lida nas quarenta e cinco correspondências trocadas entre Arthur Ramos e Melville. J.Herskovits entre 1935 e 1949. Muitas vezes Ramos e Herskovits atuam como intermediários no contato entre outros intelectuais, no exercício de uma ampla rede de solidariedade intelectual.

Arthur Ramos foi “um mestre na arte de tecer redes de influência, desde os tempos de estudante, numa ampliação de espaço intelectual que o tornaria conhecido internacionalmente, mesmo antes da criação da UDF e da FNFi...”, definiu Luitgarde Barros. A carta de Freud, utilizada como “legitimação teórica das teses defendidas”, na prova de doutorado da Faculdade de Medicina da Bahia, aponta para o início da formação dessa rede por Arthur Ramos. Para essa autora outro exemplo na “arte de tecer redes de influência” teria sido sua interlocução com especialistas das áreas de Psicanálise, Psicologia Social e Antropologia, de várias universidades da América Latina e dos Estados Unidos. Luitgarde Barros cita então nomes como o de Melville Herskovits, Rudiger Bilden, Ruth Landes, Richard Patee. (BARROS:2005, p. 200-208). Para Maria Eduarda A. Guimarães o pesquisador alagoano: “se mantinha atualizado com as produções na área da antropologia e sociologia que se faziam nos centros europeus e norte-americanos de pesquisa”.

Nessa aula não será possível percorrermos todas as tramas constituintes da rede de solidariedade a envolver a intelectualidade brasileira da qual Arthur Ramos fez parte. Todavia, talvez seja possível ampliarmos esse debate, incorporando outras variáveis, a saber. Arthur Ramos teria estabelecido relações de solidariedade intelectual com diversos estudiosos do papel das populações e culturas de origem africana no Novo Mundo, os quais desenvolveram seus estudos a partir das disciplinas das ciências sociais. Por isso nos surge a seguinte questão: poderíamos pensar o tema, o estudo das culturas de origem africana no Novo Mundo, ser o ponto de convergência entre esses intelectuais, no interior de uma rede de solidariedade intelectual, muitas vezes vivenciados em espaços de sociabilidade como os Congressos Afro-Brasileiros ou o Congresso de Americanistas?

Pretendemos enfatizar, principalmente, a interlocução teórica e empírica de Arthur Ramos com seus pares no Brasil e no exterior em torno dos

estudos antropológicos e folclores das culturas de origem africana, em particular as estabelecidas com Melville J. Herskovits. A análise das missivas nos permite concluir que esses estudiosos estabeleceram alianças em função de pelo menos dois objetivos: a defesa dos estudos das culturas de origem africana na América no cenário acadêmico e a cooperação pela implementação e ampliação das pesquisas sobre o tema. A Arthur Ramos caberia um lugar privilegiado nessa estratégia de atuação.

Portanto, parece possível propormos uma abordagem interpretativa da história desse sistema intelectual internacional que dê relevo ao diálogo estabelecido entre Arthur Ramos e Herskovits – entre o primeiro africanista norte-americano e “o maior africanista no Brasil” ou uma das maiores autoridades nos estudos do negro. A documentação produzida por esses intelectuais revelam quão importante foi o estabelecimento de redes de solidariedades para a afirmação, ampliação e sistematização dos seus estudos. Uma das características dessas redes foram as trocas de materiais bibliográficos, experiências de pesquisas, comentários e pareceres, e a divulgação “entre os pares” das produções, desses “cartógrafos” das culturas africanas no Novo Mundo. Por tanto, a leitura das missivas trocadas entre eles revelam alguns aspectos centrais, na estratégia desses especialistas mercedores de cotejo e de uma análise mais atenta. Especialmente, esta documentação parece sugerir a aplicabilidade para esse campo, da assertiva formulada pela historiadora Ângela de Castro Gomes quando a autora propõe a relativização da visão “que situa os intelectuais brasileiros mais como subordinados do que como participantes de uma rede internacional de idéias (GOMES: 2004, 51-75)”. Vamos juntos examinar mais detidamente esta hipótese?

DA DEFESA DO ESTUDO DAS CULTURAS AFRO-AMERICANAS E DA DIVULGAÇÃO DE SUAS PRODUÇÕES

A mais antiga correspondência, disponível no Arquivo Arthur Ramos/FBN-RJ, trocada por Melville Herskovits e Arthur Ramos foi remetida em 31 de dezembro de 1935. Na correspondência já encontramos aquela que será a principal característica da relação desses intelectuais: a cooperação intelectual, com as trocas de materiais bibliográficos, informações de pesquisa, atualização do estado das pesquisas e da produção desenvolvida por cada um dos estudiosos, entre outros temas.

Na resposta com data de 31 de dezembro 1935 Ramos acusa o recebimento dos livros de Herskovits – remetidos pelo próprio autor –, e em um lamento, revela a sua percepção sobre o início de seu contato com a obra do antropólogo americano. As observações de Arthur Ramos nos sugerem ter havido, a despeito do caráter de cooperação existente ente esses homens, uma certa concorrência no que diz respeito à primazia nos estudos

africanistas. Como nos ensina Pierre Bourdieu, o caráter concorrencial é uma característica fundamental dentro de um campo intelectual nesse caso terá sempre uma feição sutil e muitas vezes comedida. “Sinto imensamente não ter conhecido antes os seus valiosos trabalhos, para citação nos meus livros”. No caso específico que estamos analisando, Arthur Ramos parece marcar a inexistência de influências, do mestre norte-americano, em suas produções. Ao mesmo tempo em que revelava o seu empenho no processo de difusão de teses e ideias do africanista norte-americano, nas redes de relações intelectuais brasileira: “Estou lendo os com muita atenção e aproveito e conto divulgá-los o mais largamente possível com o público brasileiro”. Para a seguir completar: “Em futuras edições de meus livros, aproveitarei o imenso material de documentação e interpretativo existente nos seus trabalhos”. Ramos ainda solicitará sugestões sobre a bibliografia americana de psicologia social e dirá ter necessidade de inteirar-se daquela literatura em função do curso de Psicologia Social que ministra na Universidade do Distrito Federal.

Certamente os livros foram bastante significativos ao processo de difusão de ideias, do qual Ramos participava. A elaboração de um livro de Psicologia Social poderia ter como destino, naturalmente, o “uso dos estudantes de psicologia social de meu país”, mas também apresentar “os resultados dos muitos problemas relacionados com a vida do negro no Novo Mundo e especialmente no Brasil”. Provavelmente teria esse sentido o envio à Herskovits dos novos livros, “sobre o negro no Brasil”, publicados pela Biblioteca de Divulgação Científica.

Além dos livros as conferências também poderiam ser mencionadas, especialmente seus conteúdos, pois poderiam incluir as ideias e os dados referentes à produção dos estudos das culturas de origem africana daquele período. Ao explicar o atraso no envio da conferência “As cultura negras no Brasil”, Arthur Ramos explicita o seu conteúdo. Na exposição ocorrida em São Paulo Ramos teria feito “uma longa referência aos seus trabalhos”, leia-se aos trabalhos de Herskovits, “bem como aos nossos últimos da Coleção de Divulgação Científica, continuação de estudos sobre o Negro no Brasil”. Ao referir-se ao seu novo livro, Introdução a Psicologia Social, reitera a função da publicação definido-a como uma obra didática voltada para os alunos de psicologia social da Universidade do Distrito Federal, na qual “procura divulgar o mais possível a bibliografia norte-americana sobre o assunto”. E diz ter grande expectativa em relação ao livro, ainda no prelo, sobre o folclore negro no Suriname e no Haiti.

A proposta de estudos sobre temas negro-brasileiro, feita ao Ministério da Educação brasileiro, como parte da comemoração pelo cinquentenário da Abolição da Escravidão, aponta para tentativa de ampliação do alcance das proposições de Ramos cujo objetivo é a valorização desse tema. Como reforço a esse projeto estaria a publicação, para aqueles dias, do livro de

Manoel Querino, *Culturas Africanas no Brasil*– o qual tão logo fosse publicado seria remetido a Herskovits.

Em 1939 ao tratar em uma missiva do envio, através de “nosso amigo Richard Patte”, do seu livro *The Negro in Brazil*, Ramos revela existir preocupação política, além da acadêmica, em suas publicações, neste caso a divulgação de uma certa interpretação do que definirá como “o dilema do Negro no Brasil”. *The Negro in Brazil* é definido como um rápido “resumê” sobre o “dilema do Negro no Brasil e sua contribuição à civilização material brasileira”. O livro não teria um interesse antropológico strictu sensu, contudo, seria somente um “modesto esforço para o conhecimento do leitor médio norte-americano”.

No final da década de 1940, fica claro o esforço empreendido pelos pioneiros e cartógrafos dos estudos das culturas afro-americanos. Destarte, além da viabilidade dos estudos, propriamente dito, aos pesquisadores também caberia a construção da legitimidade do tema. Em outras palavras: além do processo de cartografia dos estudos afro-americanos estava em curso a construção do reconhecimento da legitimidade desta temática no meio acadêmico. Em 7 de julho de 1948, segundo Herskovits haveria na Europa um crescente interesse pelos estudos afro-americanos. Nesse sentido o trabalho de Ramos contribuiria “para estimular este interesse”. Por outro lado, o mestre norte-americano comenta o que pode fazer para contribuir com a ampliação do interesse pelos “estudos afro-americanos”. “Incidentalmente, eu posso fazer alguma coisa para incentivar esse interesse no Congresso Internacional em Brussels”. Herskovits passará um mês na Europa e assim poderá observar o “status atual da antropologia européia”.

O papel exercido por esses estudiosos no processo de reconhecimento dos estudos afro-americanos, como um campo de estudo legítimo, provavelmente estava mais delineado nos últimos anos da década de 1940. Herskovits ao ter notícias da provável ausência do africanista brasileiro, no Congresso Internacional de Americanistas, tenta convencê-lo da importância de sua presença, remetendo-se ao peso de sua atuação nesse evento. Em seu argumento refere-se à importância de Arthur Ramos em atuar como co-presidente da sessão especial de estudos afro-americanos, através desta sessão se dará, pela primeira vez, o reconhecimento formal para esta área.

Eu espero que você possa fazer isto (informar sobre a ida as sessões) já que eu sugeri a eles que você seria a melhor pessoa para atuar como co-presidente comigo de uma seção especial sobre estudos Afro-Americanos que está sendo arrumado. Já que está é a primeira vez que esta área de pesquisa tem sido formalmente reconhecida por um Congresso Americanista, eu acho que é importante para nós termos o melhor representante possível. Eu apreciaria sua resposta por correio aéreo, se possível, como para seus planos acerca de prestar serviço no Congresso para que nós possamos levar as coisas (Herskovits a Ramos 28 de abril de 1949), (grifo nosso).

Mas em 3 de maio de 1949 Arthur Ramos responde a solicitação com uma resposta negativa: não comparecerá ao Congresso de Americanistas, em função dos compromissos assumido com o livro, *A Evolução Étnica da Cidade de Salvador*. Nove dias depois Herskovits lamentava a ausência de Ramos ao encontro de setembro. Para ele Ramos abrilhantaria o evento com a “riqueza dos materiais apresentados no simpósio sobre Estudos Afro-Americanos em ter sua participação”. Herskovits classifica como excelente, e ajudaria muito, aos objetivos. E sugere a Ramos que apresente “um memorando acerca das idéias do grupo brasileiro do Afro-americanistas sobre o Instituto Internacional”. Nesse sentido Herskovits teria recebido uma carta de Roger Bastide, na qual é sugerido que nos: “encontros de Nova York nos dessem uma oportunidade de ver onde nós ficamos”. Por fim Herskovits apresenta os seus argumentos ao seu interlocutor através de uma indagação:

Seria, portanto, de ajuda para todos nós termos uma declaração que dever ser acrescentada por uma discussão de todo o problema com alguém do Brasil que estava servindo ao Congresso e poderia, de um modo, ser convidado para participar em qualquer discussão da questão como seu representante, um de vocês não poderia vir ao encontros[...].

O Professor Catedrático em Antropologia e Etnologia na Faculdade Nacional de Filosofia, a atual Universidade do Brasil-UFRJ, Arthur Ramos de Araújo Pereira, em agosto de 1949, residia em Paris. No dia 20 deste mês Herskovits teria lhe remetido a última carta. Nela são apresentados o senhor e a senhora Robert Lyztad, que estarão “em Paris em seu caminho para o trabalho no campo no Oeste da África e sobre quem eu já escrevi para você”. De todo modo seja qual foi o desfecho desta história, aqueles intelectuais lançavam mão do exercício de solidariedade intelectual praticada desde os anos trinta para viabilizar os seus estudos e de seus pares. Naqueles dias Arthur Ramos dirigia o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, na capital francesa, onde faleceu. Por isso, Herskovits poderia supor, ou contar, ter atendida a solicitação para que Ramos oferecesse os recursos de seu escritório: “Eu espero que você tenha tempo para eles, e a apreciarei qualquer coisa que seu escritório pudera fazer por eles”.

No sistema intelectual internacional de reflexão acerca das culturas de origem africana composto pelos “cartógrafos” das culturas afro-americanas, o Brasil parece ter ocupado um lugar privilegiado como campo de estudo e fornecedor de pesquisadores, e Arthur Ramos ocupado o lugar emblemático na convergência dessas duas variáveis. Assim a partir das correspondências trocadas entre Arthur Ramos, Melville Herskovits, poderemos aprender qual foi a importância do Brasil e daquele intelectual brasileiro em um sistema intelectual internacional que se ocupou em defender, garantir, enfim, tornar as culturas de

origem africana no Novo Mundo e a própria África temas de estudo relevantes.

Ao analisarmos as correspondências trocadas entre o africanista brasileiro e o norte-americano, observamos ter havido, para além da amizade que se formou entre ambos, diversas manifestações que caracterizam esse tipo de atores em um campo intelectual. Ainda que tenha havido nas décadas de 1930 e 1940 um esforço pela sistematização, legitimação e controle do estudo das culturas afro-americanas e do estabelecimento deste tema em campo de estudo legítimo. Em outras palavras: a defesa do estudo das culturas afro-americanas e a divulgação dessas produções; as redes de solidariedades intelectuais, com as cooperações e trocas de informações sobre o estado de estudos entre mestres, bem como as redes de solidariedade intelectual com os jovens intelectuais. Todavia será em função da montagem da estratégia de integração desse sistema intelectual que se poderá estabelecer outra: a da construção da legitimidade dos Estudos Afro-Americanos, como um tema e campo no meio intelectuais. A existência e ampliação, ao longo do século XX, dos estudos das culturas de origem africana, na vertente da história da cultura afro-americana ou da História da cultura africana no Atlântico, provavelmente decorre do processo de busca pelo reconhecimento e legitimidade por parte de seus pioneiros e cartógrafos.

CONCLUSÃO

Os estudos das origens das populações e culturas de origem africana nas três Américas viveram momentos de significativos investimentos, ampliação e sistematização. Os especialistas neles envolvidos estiveram orientados pela dimensão política de seu tempo e cientes das implicações de seus estudos. Na presente aula você perceberá como os estudiosos brasileiros participaram ativamente de uma rede internacional dedicada ao desenvolvimento desses estudos nas décadas de 1930 e 1940. E, por outro lado, como foi necessário o empenho conjunto, o trabalho em rede para garantir o reconhecimento acadêmico desses estudos no meio acadêmico internacional.

RESUMO

Dois especialistas nos estudos “da Cultura Afro-Americana”, Sidney W. Mintz e Richard Price, ao escreverem o seu clássico, *O Nascimento da Cultura Afro-Americana*, prestam uma reverência aos estudiosos de gerações anteriores. Os identificam como eruditos, cartógrafos e pioneiros nos estudos sobre o contato das populações e culturas de origem africana com o então chamado Novo Mundo. Os especialistas nesse estudos são nomes como W.E.B. DuBois, Carter G. Woodson, Fernando Ortiz, Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Jean Price-Mars, Melville J. Herskovits, E. Franklin Frazier, Zora Neale Hurston, Gonzalo Aguirre Beltrán, Roger Bastide, Rômulo La-chatañeré, entre outros. Nossa aula estabelece um diálogo entre o sistema



intelectual apontado por Mintz e Price e o campo intelectual brasileiro. O fazemos a partir da documentação produzida por alguns desses estudiosos, as correspondências trocadas entre Arthur Ramos e Melville Herskovits. Em outras palavras, focalizaremos uma mostra desse sistema intelectual de reflexão dedicado aos estudos das populações e culturas de origem africana nas Américas estabelecido nas décadas de 1930 e 1940.

ATIVIDADES

Segundo a Historiadora Ângela de Castro Gomes (GOMES: 2004, 51-75) ao analisar o contato intelectual estabelecido entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre conclui ser possível “conhecer melhor as tramas do campo intelectual brasileiro do início do século XX, bem como suas articulações com um sistema intelectual internacional, identificando alguns autores que funcionavam como referentes acadêmicos e institucionais”. Com base na leitura dos conteúdos dessa aula elabore um texto indicando, ao menos dois pontos, onde essa assertiva seja confirmado ou refutado.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Após a leitura da aula e feitura das atividades propostas o aluno deverá perceber a importância dos especialistas brasileiros no processo de sistematização e institucionalização dos estudos afro-americanos.

PRÓXIMA AULA

Nessa aula vimos o processo de construção e sistematização da temática Cultura Afro-americana e os atores sociais nele envolvidos. Na próxima aula veremos que é uma irmandade, suas atribuições estatutárias, bem como ou seu funcionamento.





AUTOAVALIAÇÃO

Sou capaz de entender o processo de construção e surgimento da temática Cultura Afro-americana? Sou capaz de identificar os atores sociais envolvidos no seu processo de institucionalização no cenário acadêmico internacional?

As correspondências citadas foram consultadas no Arquivo Arthur Ramos – Fundação Biblioteca Nacional/ Rio de Janeiro.

Carta de Melville Herskovits a Arthur Ramos: 31 de dezembro de 1935.
Carta de Ramos a Herskovits: 28 de fevereiro de 1936.
Carta de Ramos a Herskovits: 16/05/36.
Carta de Ramos a Herskovits: 15 de agosto de 1936.
Carta de Ramos a Herskovits: 17 de março de 1938.
Carta Ramos a Herskovits: 20 de junho de 1939.
Carta de Herskovits a Arthur Ramos: 7 de julho de 1948.
Carta de Herskovits a Ramos: 28 de abril de 1949.
Carta de Ramos a Herskovits: 3 de maio de 1949.
Carta de Herskovits a Ramos: 12 de maio de 1949.
Carta de Herskovits a Ramos: 20 de agosto de 1949.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo**. 2 ed. Maceió, EDUFAL, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classein: In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CAMPOS, Maria José. **Arthur Ramos: luz e sombra na Antropologia brasileira – Uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 1930 e 1940**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PPGAS-FFLCH-USP, 2002.
- GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. **A conspiração do silêncio: Arthur Ramos e o negro na Antropologia brasileira**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Ciências Sociais-PUC-SP, 1992.
- MATTOS, Hebe Maria. **Marcas da escravidão: biografia, racialização e memória do cativo na História do Brasil (Tese de Professor Titular em História do Brasil)**. Universidade Federal Fluminense, 2004.

- _____. **Das cores do silêncio:** os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis negros no Brasil escravista:** história da festa de coroação do Rei Congo. Belo Horizonte, EdUFMG, 2002.
- MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. **O nascimento da cultura afro-americana.** Rio de Janeiro: Pallas-UCAM, 2003.
- MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil:** a penetração cultural americana. 7 ed, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991. p. 50.
- REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil:** a história do Levante dos Malês, 1835. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SILVA, Júlio Cláudio da; BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. O pensamento social brasileiro e a questão do negro. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **Educação, cultura e literatura afro-brasileira.** Rio de Janeiro, Quartet-NEAB-UERJ, 2007.
- SILVA, Júlio Cláudio da. **O nascimento dos estudos das culturas africanas, o Movimento Negro no Brasil e o antirracismo em Arthur Ramos (1934-1949).** Dissertação de Mestrado. Niterói, PPGHS-UFF, 2005.
- SLENES, Robert. **Na senzala, uma flor:** esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor:** identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico 1400 – 1800.** Rio de Janeiro: Elsevier-Editora Campus, 2004.